

MISTÉRIOS DE OLHOS D'ÁGUA

Pour Elisa

Paulo Timm- Olhos D'água-2001,novembro

Há vincos de saudade nos baços e fundos Olhos D'Água,
Onde um tempo de folias divinais já não ludibria o tédio.
Tristeza na paisagem humana,
Ou um indecifrável sentimento de perda,
Contrastando com a oferta exuberante da natureza.
A exceção fica por conta da tagarelice dos que vêm de fora.
Sempre mais visíveis, cosmopolitas, explícitos.
Independente da origem, da situação social ou outra diferenciação;
E hoje são muitos. Quase tantos quantos os da terra..
E até vão se misturando, como na boa tradição brasileira.
Cordial, sem rodeios, direto ao assunto.
Quando se trata de boas intenções..
Maior parte chega e parte. Outros ficam por muitos anos .Outros só
passam.
Mas deixam seus vestígios .
Pelas casas, pelas almas, pelo ar..
São professores, cantadores, autores, atores e outros mais rumores
Todos com seus diversos humores.
Vêm quase sempre de Brasília, sendo , talvez por isto olhados com
certo viés,
Isto porque foi a construção da capital que roubou da cidade morta
A chama de sua vitalidade.
Isto lá pelos anos sessenta, logo depois que Olhos D 'Água virava
município,
Desmembrado de Corumbá de Goiás,
Sede de tantas tradições goianas;
Onde emerge o vulto de Bernardo Ellis com sua pujante literatura
regional:
"O Tronco" se destacando como marco da idade de barro desta região,
Quando os carros de boi arrastavam-se na lama ou na poeira durante
semanas,
Interligando pontos remotos do sertão,
Dominados pela rudeza dos homens que providenciavam a
subsistência,
Pela coragem das mulheres, que era o que mais era preciso,
Pelo choro das crianças,

Por um estado que escondia sua fraqueza na violência de suas forças.
Pois foi por esta época que um Prefeito,
Alex Abdalla se chamava,
E seus vereadores, todos mancomunados, roubaram a esperança deste
sítio.
No mapa um pequeno vestígio,
Carregado de dignidade,

Transferindo para a beira da nova estrada,
-Beira do inferno como todas as cidades novas em estradas novas-
Tão sonhada pelos mudancistas goianos:
A Brasília-Goiânia, dita BR 060,
O que viria a ser a cidade de Alexânia.
Maldita geografia dos homens,
Contrastando com a geografia de Deus.
Um lugar encantado pela bênção das águas puras
De Santo Antonio,
Pela religiosidade de sua gente,
Cedendo lugar à mera beira do caminho novo.
Lugar do nada, sem nada, no vazio
De coisas, de almas, de tradições,
Apenas automatizado pelo vai-e-vem incessante que tudo arrasta,
Levando ilusões, procissões, corações, todos pagãos.
Olhos D'Água por Alexânia:
A excelência pela excrescência

Olhos D'Água abandonada,
Á beira do seu altar,
Junto do Córrego Galinhas,
Logo ali acima formado,
Na pureza do cerrado,
Sem conhecer no seu curso nenhum impedimento.
Apenas lavar os Olhos D'Água,
Levando para o Rio Corumbá, mais abaixo ,
Suas incertezas, sua correnteza, sua impureza,
Um voltar a ser vila,
O vestígio institucional apagado,
A dignidade maculada,
O progresso comprometido,
Um voltar a ser,
A ser nada,
Quando tudo podia ter sido.

Aqui , talvez, a ferida narcísica da cidade morta,
A raiz de sua saudade...
Os grandes arcos na memória de sua gente,
A origem do ressentimento das casas,
A desconfiança com o que vem de fora,
Portador não se sabe de que mal, mesmo que bem pareça.

Foi neste clima que aportaram na cidade morta,
Lá pelos idos de setenta,
Quando o regime militar no país já esmorecia.
Duas mulheres:
Laís Aderne, primeiro
Sinclei Fazzolino , depois.
Dois propágulos diria melhor.
De luminosidade nova na trevalume enterrada pela traição.
Aqui chegaram,,
Laís com seu marido, lusitano de origem, de exuberância vasta.
Os dois emparelhados na vida e ideais,
Juntando forças no amor à nova morada,
Fabricando a Feira do Troca, inaugurada em 1974,
Sinclei com sua inquietação, da qual nem o coração traía,
Acabaria fazendo ímpar parrelha com o fruto da terra, Tomazão,
Transbordaria sua bagagem cultural na America cevada ,
Na então denominada Escola Experimental
Mudando métodos, juntando talentos, valorizando a estima local.
Ambas, tinham que ser mulheres,
- o que elas não conseguem! -
vocacionadas à redenção da cidade morta,,
Nesta atitude redimindo a própria Brasília pelo pecado perante ela
Pois de Brasília as duas vieram,
E em Olhos D'Água fincaram suas garras,
Marcando-lhe como presa das suas inteligências.
Mudanças:
Do estado de espírito,
Do estado de coisas marcado pela perda:
Perda das prendas, das artes , do orgulho de ser cidade viva e, com futuro,
Ambas empenhadas na recuperação da alma nativa,
Onde homens talhados e
Mulheres endurecidas, pelo tempo, pelo sofrimento, pela devoção,
Jovens sedentos de modernidade e afirmação
Recolocariam Olhos D'Água no pavilhão das paixões humana

Outros longos anos se passaram..
Olhos D´Água tornou-se popular na região,
Tirando das suas feições vilarejas,
O encanto para todos que iam e vinham.
E foram muitos.:
Uns com suas sementes,
Outros entrementes,
Tudo entre-dentes
Onde só os próprios autores e poucos chegados
Interpretavam sutis entrelinhas
Entre
“Pensando Bem”
E
“Passando Bem”.
Dois pousos que se fizeram referência.
Pela acolhida dos anfitriões, bebida de alguns bebões...
E por isso cedo se foi um deles.
Carlão se chamava e fez fama em Brasília como jornalista,
Desistindo de tudo para só existir ,
Nos ares da cidade morta,
Cujos olhos eram tão fundos como os seus próprios.
Dois outros bem vindos neste tempo,
Tiveram também trágico fim,
Pagando com suas vidas,
-quem sabe-
o pecado da cidade de onde vinham..
Aluizio e Ivan,
Além de outros pecados que todos nós temos.
Ambos brutalmente assassinados,
Vítimas de uma violência reprimida assanhada pelos humores
contrafeitos,
Sacudindo a cidade morta,
Deixando rastros de sangue misturados às lágrimas da eterna
saúde,
Da paisagem bucólica, melancólica,
De Olhos D´Água.,

Mas salvo o tumulto daqueles tempos ,
E destes contratempos.
Tudo permanece igual na cidade morta.
A mesma calma de sua alma.
As mesmas gentes .
Emoticons gravados.
Na comunicação.
Salvo - sempre os há....= pois nada há que algo não mude...
Salvo, a coqueteria de fazer gosto da donzela que atravessa a Praça.
No passo com graça,
Sem afetação,
Como a da mocinha que vai à Opera,
Distribuindo charme e promessa vã.
Salvo os desdobramentos da geração amadurecida ,
no gosto da “experimental modernidade” aprendida ,
transformando uns em prósperos mortais,
outros influentes mortalidades,
outros tantos , entretantos...
Salvo , ainda, a tragédia da Feira do Troca,
unindo agora o ideal apolíneo que lhe deu nascimento,
ao êxtase dionísíaco no que se converteu..
O pandemônio instaurado.
A falta de autoridade pública,
A insuficiência da liderança local para impor um novo portal do tempo..
No mais tudo igual.:
A mesma praça abandonada à intempérie,
Sem bancos que acomodem nem que fossem gentes,
A mesma igreja, povoada por um bissexto padre ,
Que nas suas vindas celebra os rituais da vida sem pecado,
da morte sem medo.
As mesmas casas ao seu círculo, contemplando-a,
Com o só protesto – até nas cores – da casa amarela, diferenciada.
E uma , ao seu lado, deformada na sua fachada, por algum
Desavisado forâneo que não chegou a compreender
o espírito da cidade morta.
Que de morta , na verdade , tem só a aparência,
para enganar como o poeta seus leitores.
Até os animais parecem os mesmos, pastando desanimados,
Ou animados correndo , às dezenas , atrás de uma cadela no cio,
Em frenético e germinal celebração...

Muda o século. Muda o milênio.
Olhos D'Água parece não se importar muito.
Sequer se preocupa com o nascimento de um novo Deus.
É tímido o Natal em Olhos D'Água comparado com os Pousos ,
Quando as noites secas , frias e estreladas se alongam até a manhã
radiante.
A própria natureza se intimidada na estação das águas,
Parece afogar-se em tanta água.
Ganha em vitalidade mas perde em preciosismo.
O cerrado se impõe na seca.
Mas as águas trazem as espigas, trazem fertilidade e expectativas,
Quando ocorre fazer uma tarde de sol.
Cruzando seus raios o cume das casas para se depositar em arco,
Sobre a colina à margem esquerda do corgo.
A cidade morta renasce, resplandece em puro ouro.
Mesmo na estação seca esta é a hora por excelência de Olhos d'Água,
Que a distingue de tantas outras pequenas vilas pelo resto do mundo,
A cidade se excita,
Esquece-se de que é morta.
Crianças correm pelas ruas saídas da escola. A bola rola nos gramados.,
Chega o ônibus do Chico com gentes e estudantes de Alexânia.
Aqui a falta de pressa da cidade ajuda a prolongar o momento mágico,
Temperando-se o clima com a exaltação de bêbados e ventres
oferecidos,
De todos conhecidos,
Pois não há segredos na cidade.
Nada escapa a seu olhar, o olhar dos espichados olhos d'água,
Olhar olhado, vivido, pressentido..
Olhar das comadres,
Da maledicência sempre disposta a contrabalançar as vaidades
humanas,
Que nunca chegam a ser mesmo vaidades porque inconscientes
Simples evanescências do espírito,
Todos as têm....

O resto é a vida de cada um, na casa de cada um, na alma de cada um.
Todos no silêncio das suas casas sem forro, meia parede,
Tudo muito simples como as fisionomias, o linguajar, os horizontes,
Das pessoas lugar,
Onde se pobreza existe, não há miséria.
Nem falta de dignidade humana..
Todos são orgulhosos , mesmo quando melindrosos,
Nunca falta o fogão a lenha,
Cheirando a galinhada no fim de semana,
Com toda a família à volta,
O feijãozinho com linguiça, ou mesmo sem,
Ainda que sempre todo mundo tem,
Feita nos matadouros da vila, carregadas e vendidas por muitos.
Mas o sempre indispensável feijão de cor.
Da cor do Goiás, do cerrado, das mulheres bonitas,
Da cor do cair da tarde sobre Olhos D´Água,
E muita carne, porque sem carne esta gente não come, não se
alimenta.
Sente-se desnutrida..
E carnes por aqui não falta. Sempre tem..
E há fartura de milho nas águas, muita abóbora .
E café cozido com açúcar.
Muito açúcar!
O que faz o desespero dos visitantes,
Pouco acostumados à tal verdadeiro vício do interior de Goiás,
De onde Olhos D´Água é pura amostra,
Resistindo ao tempo,
Resistindo às mudanças,
Resistindo ...
E há também a roca. As fiandeiras . A tecelagem.
Os fios de ouro de Olhos D´Água da cor da paisagem,
Tradição viva que também resiste,
Curtida na época da colônia,
Entrada pelo Império, pela Republica Velha, pela história do Brasil...
Única maneira de vestir uma terra sem fronteira,
Sem produto nobre de exportação a lhe animar o comércio,
Ficando a subsistência por conta de cada um.

Então faz-se noite na cidade morta.
Noites claras, secas, escuras, molhadas.
Na noite de Olhos D'Água a noite também não se cansa,
Como não se cansa o tempo em Olhos D'Água. (Nasce cansado).
No desencontrar ninguém que não o engane,
E assim se arrasta,
Pelas ruas, pelas casas ,pela praça...
Pelas noites.
Talvez este tecido costurado pelo nada,
Me espreite desconfiado.
Eu , que também nada sou, nem quero ser,
Eu, que não faço nada,
Que não quero fazer nada.
Apenas espreito o tempo pela fresta das três portas azuis da minha
casa velha,
Voltadas para a praça,
Eu, que fui da Pousada
Mas não moro na Pousada
Como explicar tudo isso. Eu que não faço nada. .Nem fiado converso.
Eu que só faço versos.
Me finjo poeta para dizer a que vim,
Neste fim de mundo que me inspira,
Definindo-me por fim um fim em mim mesmo.
Arrasto-me com o tempo e movo meu pescoço indiferente para ver a
praça.
Aí está ela: Imperturbável , eterna..
Duas Marias-Pretas me encham os olhos, preenchem o angulo ,
Onde me encontro.
É como se fossem elas próprias a Praça viva, carregada de histórias.
E há a Igreja, E há a cruz da Igreja apontando para o céu. Este véu
pontilhado.
Olho devagar e me lembro que me disseram ,quando era criança,
Que as estrelas eram lanternas de pessoas perdidas no espaço.
Acreditei.
Sinto-me envolto em mistério. Mistério desta cidade morta.
E mergulho fundo nele encharcando-me da minha infância,
Infância que não se esgota nunca, não fica para trás,
Infância que se repete como a língua dos bêbados, dos loucos , dos
sonhos...
Infância que se eterniza nesta repetição mítica.
Invade-me a saudade .Misturo-me com Olhos d'Água..
Somos iguais. Não mudamos jamais.

E assim embriagado da nossa solidão escorrego até o coreto em frangalhos da Praça. Dali vejo tudo. Tudo é tão claro nesta noite de prata e cristais...

